

Multinacionais dominam medicina

A Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, aliada às demais entidades médicas de todo o País, lança hoje, o dia do protesto contra a infiltração das multinacionais na Medicina, com a realização de uma mesa redonda composta por médicos, parlamentares e representantes das empresas prestadoras de serviço.

O movimento nacional de renovação médica propõe uma legislação que impeça a penetração das multinacionais na área de assistência médica; extinção dos convênios entre a Previdência Social e as indústrias e as empresas de assistência médica com o comércio; participação paritária de médicos, empregados, empregadores e governos nos órgãos decisórios da Previdência Social; direito universal e indiscriminado para todos os médicos atenderem aos contribuintes da Previdência Social sem qualquer intermediação lucrativa, seja por parte das empresas ou dos hospitais, e expansão da rede hospitalar e ambulatorial da Previdência Social dos Estados e municípios.

Na verdade, afirma o presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio, professor Mário Barreto Correia Lima, o dia do protesto começou ontem, quando foram comemorados os 188 anos da morte de Tiradentes, ao lado das comemorações festivas, os médicos lançaram seu protesto para que a independência do país se faça também no sentido econômico para que a morte de Tiradentes não tenha sido em vão.

Segundo o professor Correia Lima, o protesto dos médicos recai principalmente sobre a infiltração das empresas multinacionais no setor de serviços médicos, "não tem sentido a remessa de divisas para o exterior proveniente de uma simples operação de apêndice quando já dispomos de tecnologia suficiente no setor de assistência Médica".

Correia Lima denunciou a atuação da American Medical International —

AMI — sue firmou convênio com a Açominas, recentemente rescindido devido às reivindicações do público e dos médicos. A entidade arrendou também os dois hospitais de Taubaté, principal pólo industrial do Vale do Paraíba, e apressa-se a investir em outros Estados. Outra multinacional, diz Correia Lima, a Health Care do Brasil, subsidiária do hospital Corporation of América, comprou a Special Unidade Cardiológica do ABC, a Promed, do Rio de Janeiro e a Amigo, uma das maiores empresas de medicina do grupo no país, sediada em São Paulo.

Segundo o movimento nacional da Renovação Médica, a penetração das multinacionais coincide com a mais seria crise de assistência médica no país. Os hospitais públicos sofrem restrições de verbas e os privados pressionam o INAMPS e ameaçam suspender seus atendimentos aos previdenciários.

Quanto à indústria farmacêutica, o professor Correia Lima revelou que existem apenas três laboratórios nacionais, sendo que 90 por cento do mercado já foi tomado pelas empresas multinacionais.

Uma campanha contra as multinacionais já vem sendo desencadeada pela classe médica, com visitas regulares a hospitais. Na última reunião de Brasília, o Sindicato de São Paulo considerou que uma paralisação dos serviços médicos em todo o território nacional por 24 horas seria atraente e, se concretizada, daria a impressão de unidade de força do movimento médico, assunto que será amplamente discutido por toda a categoria.